

GRUPO DE MÃES DE AUTISTAS: O ENCONTRO COM O SEU EU

NATÁLIA SILVEIRA NALÉRIO¹; MARIELLE SCHWANTZ DOS SANTOS²;
MARTA STREICHER JANELLI DA SILVA³

¹*Aluna de graduação da Psicologia UFPEL – natinalerio@hotmail.com*

²*Aluna da Graduação em Psicologia – UFPel – marischwantz@yahoo.com.br*

³*Professora do curso de Psicologia – UFPel, Orientadora – martajanelli@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente Projeto de Extensão é realizado no Centro de Atendimento ao Autista Dr. Danilo Rolim de Moura, situado na cidade de Pelotas. Este Projeto tem como principais objetivos efetuar intervenção e promoção de estratégias referente ao enfrentamento às questões vivenciadas no cotidiano familiar. Por meio do grupo de mães de crianças com o Transtorno do Espectro Autismo, desenvolveu-se atividades e estratégias positivas. Perante a este acontecimentos as famílias acabam se envolvendo há uma série de fatores, afetando-os ao longo do seu ciclo vital e seu bem-estar físico e psicológico. A possibilidade de compreensão das questões debatidas, do transtorno e suas singularidades acabam por promover também uma melhor qualidade de vida aos pais e filhos que vivenciam esta condição crônica.

Segundo o DSM-V (2013), o espectro autismo é considerado uma Síndrome por possuir comprometimento no desenvolvimento do indivíduo, podendo este se apresentar de modo severo e invasivo em três áreas deste desenvolvimento: habilidades de comunicação e comportamentos, interesses e atividades estereotipadas, habilidades de interação social recíproca. Como o CID-10 que se refere ao Autismo como um comprometimento do desenvolvimento caracterizado pelo funcionamento anormal, nas áreas de comunicação, interação social e comportamento restrito e repetitivo.

Conforme conceituado por muito autores, como Buscaglia (1997), família é uma força social que tem influência na determinação do comportamento humano e na formação da personalidade, sendo também definida como unidade social significativa, inserida de forma imediata na comunidade e na sociedade, de forma mais ampla. É, ainda, considerada independente pela característica de influências importantes que seus relacionamentos imprimem entre si. Como a família é o primeiro grupo social do indivíduo, não se pode negar a importância que esta

representa para a evolução de tratamento e ou intervenção de um de seus membros.

Com o nascimento do filho, a primeira atitude e preocupação da família é saber se a criança é “perfeita”, ficando aliviados se for. Entretanto se não for o caso, existe a morte do filho idealizado, junto a sentimentos como profunda tristeza, medo do futuro, frustração e vergonha. (COSTA, G.P.; KATZ, 1992).

No entanto é preciso vivenciar o processo de luto pelo filho que foi idealizado, para que a família possa criar um vínculo, com o filho que nasceu, de amor e cuidado.

Desta maneira, o diagnóstico de um filho autista provoca sofrimento e interfere, nos sonhos, nas fantasias, ilusões e projeções do futuro que os pais produziram e ou imaginaram para ele. Frequentemente, os pais de um filho com autismo enlutam-se pelo extravio de seus sonhos, considerados chave para sua existência. Essa vivência acaba por exigir que os pais sejam obrigados a iniciar um processo de luto representativo, a fim de que seja possível elaborar a perda do filho idealizado antes do nascimento. Toda perda, inegavelmente, faz doer e a recusa, nos primeiros momentos após o diagnóstico do autismo, é perfeitamente natural e aceitável, tratando-se do decurso do luto, considerando todo sofrimento que está envolto ao perecimento, mesmo que de modo simbólico, de um filho amado e imaginado. (ALVES, 2012).

Devido ao sofrimento das famílias e ou cuidador, pela morte deste filho idealizado, a intervenção tem se realizado pela formação de pequenos grupos operativos onde o sofrimento e dificuldades com a aceitação desta família tem encontrado vazão nos grupos. A partir da experiência destes acolhimentos as famílias tendem a demonstrar melhor adesão ao tratamento dos filhos e adaptação aos desafios diários no que se refere ao espectro autista e suas singularidades.

Segundo Zimerman (1997), os grupos com um enfoque terapêutico, possui a ajuda mútua, com a troca de experiências. Já Pratt apud por Fernandez (2006), diz que estas famílias, vivem as mesmas dificuldades, como aceitação e preconceito, dificuldade em um tratamento adequado e muitas vezes uma batalha judicial para conseguir os direitos a saúde e educação.

Estas famílias necessitam se sentir como pessoas, precisam pensar em suas vidas, mostrando-lhes que podem viver e que isto não é deixar seu filho de

lado, que é possível fazer as duas atividades ao mesmo tempo, reconhecendo as suas necessidades.

2. METODOLOGIA

Com formação de Grupos de apoio no Centro de Atendimento ao Autismo Danilo Rolim de Moura de Pelotas, no qual este projeto de extensão grupo de mães de autistas: o encontro com o seu eu, faz sua intervenção junto aos familiares e ou cuidadores de crianças e adolescentes autistas. Até o presente momento estão sendo contempladas 15 famílias, nas sextas feiras das 13:30h as 17h, com diversos grupos de trabalho e acolhimento. A formação dos grupos ocorre concomitante as diversas terapias que os filhos recebem no centro de autismo. O tempo estimado por grupo é de 50 a 60 minutos aproximadamente.

Neste projeto, utilizar-se atividades e oficinas diferenciadas como: alguns jogos, pinturas entre outros para o entretenimento dos familiares, para que estes vivam o seu momento. Em muitos casos os familiares deixam sua vida de lado para viver a vida dos filhos. Este projeto tem o intuito de fazer os familiares ter o seu momento de descontração. Ao mesmo tempo em que ocorrem as oficinas proporcionadas a cada semana decorrem conversas e trocas de experiências.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o processo com as 15 famílias participantes, foi feito um trabalho de intervenção e promoção de enfrentamento as estratégias nas mais diferentes questões vivenciadas pelos familiares. A participação atuante e crescente no grupo e a compreensão dos desafios que o Espectro do Autismo exige dos pais amenizaram as dúvidas e os sentimentos negativos que dificultavam as suas relações de afeto e atenção. É notável uma diferença deste familiar, quando participa do grupo, pois a troca de experiências é rica, onde a cumplicidade grupal exerce uma função positiva para os familiares.

4. CONCLUSÕES

No decorrer deste grupo é notável a necessidade dos familiares em falar sua rotina, como a vivenciam, seus sacrifícios em dedicar-se as mais diversas atividades cotidianas. É muito importante o familiar encontrar com o seu eu, viver

a sua vida, além da vida do filho. Reconhecer que é necessário cuidar de si tanto físico quando psicológico. A aceitação de familiares e pessoas próximas é muito importante para estimular e acolher tanto a família como um todo. Ao longo do grupo é possível revelar seus temores, sentimentos e acertos pelo vínculo parental, durante as atividades propostas. Fazendo deste momento único, dando voz ao saber do familiar proporcionado pela experiência de ser pai e mãe, junto ao desconhecido. Devido a todas estas circunstâncias, é possível perceber a necessidade e valorização do espaço em grupo dado pelo resultado positivo sinalizado pelas famílias participantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVEZ, E.G.R. **A morte do filho idealizado**. Rev. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 36, n.1, p. 90-97, 2012. Disponível em < http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/90/13.pdf > Acessado em 19 de junho de 2015.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-V. Diagnostic and Statistical Manual of mental disorders**. Arlington. 5th. Ed, 2013.

BUSCAGLIA, L. **Os deficientes e seus Pais**. Trad. Raquel Mendes. 3ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1997.

Classificação de Transtornos mentais e de Comportamento da CÍD-10: **Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas** - Coord, Organiz. Mund. da Saúde ; trad. Dorgival Caetano. - Porto Alegre: Artmed, 1993

COSTA, G. P. KATZ, G. **Dinâmica das Relações Conjugais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

FERNANDEZ, A. M. O campo grupal: cap 1. *Editora Martins Fontes*. 2006

FIAMENGHI JR, G. A. ; MESSA, A. **Pais , filhos e deficiência: estudo sobre as relações familiares**. *Psicologia Ciência e Profissão*, São Paulo, v. 27, n.2, p. 236-245, 2007.

PEREIRA, M. G.; SOARES, A. J. **Sobrecarga em cuidadores informais de dependentes de substâncias: adaptação do Caregiver Reaction Assessment (CRA)**. *Psicologia, Saúde e Doenças*, Lisboa , v.12, n.2, p.304-28, 2011.

SCHMIDT, C.; BOSA, C. **A investigação do impacto do autismo na família: Revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo**. *Interação em Psicologia*, Porto Alegre, v. 7, n. 2 , p. 111-120, 2003.

ZIMERMAN, D. E. **Como trabalhamos os grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997